

Escolhas | Jaime Elias Vieira

Então eu estava ali sentado, chorando, olhando para minha mãe que não via a mais de 15 anos. Ela deitada naquele caixão, sem falar, sem abrir os olhos, sem movimento ou qualquer expressão.

Este ambiente me fez lembrar o dia que sai da casa dela em busca de minha emancipação. Minhas lágrimas de agora eram as mesmas lágrimas doloridas daquele dia.

Minha dor era uma mistura de remorso e arrependimento das recusas feitas daqueles diversos convites feitos por ela para almoçar aos finais de semana ou datas festivas.

Nem a ajuda financeira que eu proporcionava a ela era capaz de minimizar o peso da minha consciência por estar longe há tanto tempo. Todo meu sucesso e conquistas permeados por conta deste afastamento, que para mim era tão importante em outrora, já não tinha o mesmo valor neste momento.

Só conseguia me lembrar daqueles simples, mas prazerosos finais de semanas onde passava as tardes jogando cartas com minha velhinha.

A saudade, que antes não me perturbava, agora me feria muito. Até mesmo as manias que me incomodavam, as broncas, as palmadas de infância e as limitações da adolescência era sinônimo de carência e saudade.

A cada amigo ou parente que se aproximava de mim, percebia que meu sofrimento era muito maior que o dos outros. O desespero presente em minhas expressões deixava claro minha necessidade de voltar no tempo e mudar minhas escolhas.

Na verdade, a partir daquele momento, percebi que os frutos adquiridos pelas minhas conquistas, já não me bastavam. Que todo aquele sucesso pessoal e profissional que tanto me orgulhava já não me preenchia como antes e que se pudesse voltar no tempo trocava tudo isso para simplesmente poder passar à tarde jogando cartas com a minha velhinha.